

MELANOMA AMELANÓTICO EM CADELA - RELATO DE CASO

Heloísio Marcio Mendes Castro², Luísa Carli de Sá³,
Waleska de Melo Ferreira Dantas⁴

Resumo: *Neoplasias cutâneas são frequentemente diagnosticadas em pequenos animais. Entretanto, o melanoma está presente em uma pequena porcentagem desses tumores e é caracterizado por acometer animais idosos e com pelagem escura. O local mais comum de aparecimento desse neoplasma é a cavidade oral, mas podem aparecer em qualquer local do corpo do animal. Esses tumores possuem diferentes graus de pigmentação, chegando até a ausência de melanina, sendo este denominado como melanoma amelanótico. O melanoma é considerado um tumor bastante agressivo, por ser invasivo e possuir grande poder de metástases. Seu diagnóstico é considerado um desafio, devido à grande variabilidade histológica e semelhança com tumores de células redondas, podendo ser demorado, intensificando assim, o mau prognóstico do paciente. Os exames considerados mais seguros para o seu diagnóstico são a histopatologia e imunohistoquímica. O tratamento pode ser feito pela excisão cirúrgica do tumor, quimioterapia, radioterapia e imunoterapia, associando-as ou não. O objetivo deste trabalho, foi de relatar um caso atendido de um Canino da raça Cocker Spaniel diagnosticado com Melanoma Amelanótico. Foi atendida uma cadela da raça Cocker Spaniel, pelagem preta, com cerca de 11 anos de idade, pesando 10,8 kg. No Centro Veterinário de Caratinga. Possuía histórico de exérese de cálculo dentário há seis meses e queixa de halitose, lacrimejamento, secreção nasal, hiporexia e lesão crônica na região da vulva. O animal foi tratado e melhorou parcialmente. Três meses depois, o animal retornou ao consultório com queixa de lesões ulcerativas na região próxima à vulva, plano nasal e região inguinal. Foi realizada uma biópsia incisional e fechou-se o diagnóstico como Melanoma Amelanótico. No presente estudo o animal que já se encontrava com idade avançada, foi diagnosticado tardiamente por conta da aparência pouco comum das lesões e às dificuldades encontradas no exame*

2Graduando em Medicina Veterinária – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: heloisiocastrovet@yahoo.com.br

3Graduanda em Medicina Veterinária – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: luh_carli@hotmail.com

4Professora do Curso de medicina Veterinária – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: wafedantas@yahoo.com.br;

histopatológico. Devido ao seu estado geral de saúde, o proprietário optou por não iniciar o tratamento quimioterápico e nem a excisão cirúrgica do tumor. O paciente veio a óbito decorrido dois meses.

Palavras-chave: *Histopatologia, melanina, canino, neoplasia maligna.*

Introdução

A pele é o maior órgão e mais exposto de todo o corpo e se encontra em constante exposição ao meio ambiente. Além disso, é formada juntamente com o tecido subcutâneo e é constituída por diferentes tipos de células que devido ao seu alto índice de renovação celular estão suscetíveis ao surgimento de tumores. Esses fatores fazem com que as neoplasias cutâneas sejam as mais encontradas nos animais de companhia. Em contrapartida, as neoplasias melanocíticas representam uma parte muito pequena dentre as neoplasias cutâneas. Os cães são mais acometidos pelos tumores mesenquimatosos e epiteliais (MAZZOCCHIN, 2013)

Neoplasias melanocíticas são derivadas de melanócitos, que são células responsáveis pela pigmentação da pele e de algumas mucosas. A forma benigna desses tumores é denominada melanocitoma e a maligna de melanoma (SANTOS, 2005).

Esse tipo de tumor ocorre frequentemente em animais mais velhos, de pelagem escura, podendo aparecer em qualquer lugar do corpo, sendo mais frequente na cavidade oral, local em que se apresenta de forma mais agressiva. Os sinais clínicos irão depender do local do corpo em que o animal for acometido pela neoplasia. O diagnóstico se dá por meio do aspecto das lesões, do exame citológico (SANTOS et al., 2005), através de coleta de biópsia para análise histopatológica e exame imunohistoquímico (CAMPOS et al., 2011). Histologicamente ele pode ser classificado quanto a morfologia celular em epitelióide, fusiforme e misto ou quanto ao fenótipo: melânico ou amelânico (TEIXEIRA, 2011).

O tratamento é feito preferencialmente por excisão cirúrgica quando aceito pelo proprietário. A quimioterapia, radioterapia e imunoterapia tem sido frequentemente empregada na clínica de pequenos animais (CAMPOS et al., 2011).

A partir dessas informações, torna-se necessário a descrição de casos para auxiliar o clínico no momento do diagnóstico e no estabelecimento do protocolo de tratamento. O objetivo deste trabalho foi relatar a ocorrência de um caso de melanoma amelanótico em um cão e as manifestações clínicas decorrentes do seu aparecimento.

Material e Métodos

Relata-se o caso de uma cadela da raça Cocker Spaniel, pelagem preta, com cerca de 11 anos de idade, pesando 10,8 kg. Foi encaminhada ao Centro Veterinário de Caratinga, com histórico de exérese de cálculo dentário há seis meses e queixa de halitose, lacrimejamento, secreção nasal, hiporexia e lesão crônica na região da vulva.

A partir do sinais clínicos e anamnese foram solicitados hemograma e bioquímicos séricos da função renal (Ureia e Creatinina) e da função hepática (Alanina Aminotransferase – ALT e Fosfatase Alcalina – FA). Ao avaliar o resultado do hemograma foi verificada neutrofilia, linfopenia e trombocitopenia. Ao observar o resultado dos exames bioquímicos séricos, verificou-se aumento da enzima ALT e diminuição da enzima FA e os demais se encontraram dentro dos limites de referência para a espécie.

Diante dos resultados dos exames, foi feito um diagnóstico presuntivo de Erlichiose Doxiciclina (10 mg/kg) a cada 24 horas durante 28 dias, Tobramicina colírio duas gotas a cada 4 horas durante 7 dias, devido ao lacrimejamento, soro fisiológico para a narina e Dexpanthenol pomada durante cerca de 20 dias para a lesão na vulva.

Após 35 dias, foram repetidos os mesmos exames laboratoriais e foi constatado apenas trombocitopenia. Também foram realizadas sorologias para Leishmaniose, Erlichiose, Brucelose e Leptospirose, sendo reagentes para Erlichiose por imunoensaio enzimático e Leptospirose por soro aglutinação microscópica com antígenos vivos. Prescreveu-se então, Penicilina G Benzatina (40000 UI/kg) a cada 24 horas por 21 dias.

Três meses depois, o animal retornou ao consultório com queixa de lesões ulcerativas na região próxima à vulva, plano nasal e região inguinal, normorexia, normúria, normoquesia e normodipsia. Então, foi realizada

biópsia incisional de um segmento da pele e solicitado exame histopatológico. Nele foi constatado piodermite canina superficial, sugestivo de Impetigo.

Após um mês realizou-se nova biópsia da região vulvar e inguinal para novo exame histopatológico da lesão. Na histopatologia foi observado fragmentos de pele pilosa apresentando formação neoplásica densa, pobremente delimitada, infiltrativa e não encapsulada. As células neoplásicas são do tipo redondas, a alongadas, grandes, com citoplasma escasso, por vezes contendo grânulos marrons (raros), e nucléolo grande, com cromatina frouxa e núcleo evidente. Pleomorfismo moderado e índice mitótico elevado (> 20 mitoses em 10 campos de 40x). As células neoplásicas estavam dispostas em feixes com padrão sólido. Havia invasão vascular por células neoplásicas e intraneoplásicas. Havia ulceração extensa, intensa e furunculose piogranulomatosa, multifocal, moderada. Fechou-se então diagnóstico como Melanoma Amelanótico.

Resultados e Discussão

A localização anatômica dos tumores apresentados pela cadela do presente relato (região vulvar, plano nasal, mamas e dorso) não são frequentemente relatados na literatura (CAMARGO, 2005). Porém, (SILVA 2012) citaram a cavidade nasal como local de grande ocorrência da neoplasia em discussão e SANTOS et al. (2005) consideraram o dorso como um local frequente.

A confirmação do diagnóstico apresentou dificuldades nesse caso, corroborando com SILVA (2013) e só pode ser concluído através do segundo exame histopatológico da lesão. Esse é considerado o método de escolha para o melanoma, como descrito por (CAMPOS et al. 2011 e SILVA 2012). Mas, por vezes, pode haver a necessidade da realização de exames adicionais como a imunohistoquímica (SILVA 2012), que não foi realizado no presente relato.

Entre os achados histopatológicos encontrados, foi possível classificar as células neoplásicas como do tipo misto, por apresentar células redondas e alongadas, sendo o tipo mais frequente de acordo com (CAMARGO 2005). Porém outros autores encontraram maior ocorrência do tipo epitelióide e fusiforme (TEIXEIRA, 2011; SILVA, 2012). As células neoplásicas se despunham em feixes com padrão sólido, o mesmo foi encontrado em grande número no estudo feito por (CAMARGO et al. 2005). O índice mitótico era

elevado e se aproximou do encontrado na literatura por (CAMPOS et al. 2011). O citoplasma era escasso e o núcleo era grande com cromatina frouxa e nucléolo evidente, o que condiz com os achados por (CAMPOS et al. 2011). O pleomorfismo celular evidenciado no presente relato era moderado, encontrado com frequência, apesar dos melanomas com pleomorfismo intensos serem mais comuns, segundo (CAMARGO 2005).

A imunoterapia também tem sido empregada, principalmente associada as outras terapias (CAMPOS et al., 2011).

O tratamento não foi realizado neste caso e o animal teve sobrevida de dois meses após o diagnóstico, confirmando o mau prognóstico de animais com essa neoplasia (CAMARGO, 2005).

Considerações Finais

Conclui-se que o Melanoma Amelanótico, é um tumor difícil de ser diagnosticado e tratado. Portanto, o Médico Veterinário deve estar atento as variabilidades clínicas e histológicas do tumor para um diagnóstico e tratamento precoce, possibilitando uma maior sobrevida do paciente.

Referências Bibliográficas

MAZZOCCHIN, R. Neoplasias cutâneas em cães. 2013. 64f. (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CAMARGO, L. Neoplasias melanocíticas cutâneas em cães: Aspéctos Clínicos e Histopatológicos em 58 casos. 2005. 58f. (Pós- graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.

CAMPOS. C. B. et al. Associação de cirurgia, quimioterapia e imunoterapia no tratamento de melanoma canino de cavidade oral: Relato de dois casos. Revista Veterinária e Zootecnia. Botucatu, v. 18, n. 1, p. 80-85. jun. 2011.

SANTOS, P. C. G. et al. Melanoma Canino. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária. n. 5, p. 1-4, Jul. 2005.

SILVA, A. L. D. A. Melanoma intra-ocular com disseminação meníngea, pulmonar, renal e cardíaca em cão. 2012. 26f. (Especialização em Residência Médico-Veterinária em Patologia veterinária) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

TEIXEIRA, T. F. Melanomas melânicos e amelanicos da cavidade bucal de cães: aspectos epidemiológicos, morfológicos e moleculares. 2011.139f. (Doutorado em Medicina Veterinária). Universidade de São Paulo. Departamento de Patologia. São Paulo, 2011.